

Crise no setor sucroalcooleiro afeta o mercado de trabalho da classe

Além de todas as dificuldades, o mercado de trabalho para o engenheiro agrônomo em Alagoas tem sido bastante afetado com o fechamento do setor sucroalcooleiro. De acordo com Fragozo, que atua na área há 28 anos, nesta safra de 2013, cinco usinas não vão moer. "Isso é algo bastante significativo, pois um setor que an-



Para entender

Reconhecida através do decreto 23.196/33 promulgado pelo presidente Getúlio Vargas em 12 de outubro de 1933, a profissão de Engenheiro Agrônomo foi a primeira, dentre as carreiras do sistema que une os Conselhos Federal e Regional de Engenharia e Agronomia (Confea/Crea), a ter reconhecimento previsto em legislação. O engenheiro agrônomo é capacitado para atuar nas áreas de pesquisa, extensão rural, assistência técnica, programas de construção rural, comercialização de sumos, projetos ambientais, projetos florestais, setor agroindustrial. "É uma área bastante pulverizada, dá um espaço bastante amplo, basta ter aptidão que a pessoa vai encontrar dentro da profissão algo que goste", afirmou o engenheiro agrônomo José Gomes Fragozo Neto.

tes empregava um número expressivo de profissionais da nossa classe, hoje emprega apenas cerca de 70 profissionais, no máximo, em todas as usinas de alagoas", explicou.

Ele ainda explica que o setor sucroalcooleiro emprega, diretamente, cerca de 100 mil pessoas e, quando essas unidades são fechadas, cria-se um caos social na região onde elas estão instaladas. "Os agrônomos experientes migram para outros Estados, porém, o contingente bastante expressivo das faculdades fica à mercê do salário de bolsista, ganhando apenas R\$ 1.500", conta.

Formado na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o engenheiro diz que as universidades estão formando uma grande quantidade de profissionais e o mercado de trabalho não comporta toda essa gente.

Fragozo, que também coordena a Câmara de Agronomia do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura de Alagoas (Crea), diz que a profissão de agrônomo se desmembrou em outras carreiras como, por exemplo, engenharia ambiental, florestal e de agrimensura. "Hoje, temos muitos profissionais formados com especialidades diferentes, mas que não encontram mercado de trabalho".

O que agrava a situação é que, de acordo com ele, o Crea tem recebido um número significativo de cancelamento temporário de registros dos profissionais de agronomia, ou seja. De acordo com ele, Alagoas tem, hoje, em torno de mil engenheiros agrô-

nomos e cerca de apenas 60% estão no mercado de trabalho. "Muita gente está desestimulada devido à crise no mercado de trabalho e aos baixos salários. Faltam políticas públicas que estimulem o setor", revelou o engenheiro.

Como presidente da Seagra, ele reconhece que alguns serviços melhoraram como, por exemplo, a estrutura de trabalho. "O governo tem um bom suporte, muitos carros foram comprados e o atendimento da nova Emater melhorou bastante, mas o que nós colocamos é que o pessoal que está fazendo esse trabalho recebe um salário muito baixo".

"Quanto ao atendimento, a gente vê que deveria existir, como antes, escritórios da Emater em cada cidade do interior, porque o agrônomo que trabalha no campo é a pessoa que faz a ponte entre o conhecimento que veio da universidade e aquele agricultor mais pobre que não teve acesso as tecnologias", destaca.

"O que a gente enfatiza é que é preciso dar mais assistência à agricultura familiar e a essas pessoas de baixa renda, que são as que mais precisam de apoio governamental", afirmou o presidente da Seagra.

Segundo ele, a entidade tem o desafio de fortalecer a categoria mas, para isso, é necessário que os profissionais se aproximem da entidade. "Também temos que modernizar a Seagra, mantendo um intercâmbio com outros segmentos a exemplo das universidades e da iniciativa privada, que propiciem melhorias para a categoria", frisou. **RCO**